



**SEFIC2017  
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O  
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

## **O FUNK E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EJA NO BRASIL**

Deivid de Souza Soares, Cléber Gibbon Ratto (orient.)  
Universidade Unilasalle

### **Resumo**

No presente trabalho será apresentada parte da pesquisa que está sendo desenvolvida no mestrado em educação, na Universidade Unilasalle, orientado pelo professor Cléber Gibbon Ratto. Este trabalho busca retomar a trajetória da EJA no Brasil a partir da década de 40, apesar de legalmente a Educação de Jovens e Adultos já esta presente na constituição de 1824, apenas em 1947, que surge a primeira campanha de alfabetização, sendo assim optamos por iniciar o marco teórico a partir deste período.

**Palavras-chave:** *EJA; Funk; Juventudes.*

**Área Temática:** Ciências Humanas

### **1. Introdução**

Este trabalho tem o objetivo de apresentar a pesquisa que está sendo desenvolvida no mestrado em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Unilasalle com bolsa CAPES/PROSUP. O problema de pesquisa é: “Quais as (im)possibilidades do diálogo intercultural entre o funk, como um componente da cultura juvenil, e a cultura escolar da Educação de Jovens e Adultos - EJA?”. Tendo como objetivo geral, compreender as (im)possibilidades do diálogo intercultural entre o funk, como componente da cultura juvenil, e a cultura escolar da EJA, em uma escola situada na região metropolitana de Porto Alegre, estabelecendo um diálogo com autores que focalizam a temática em pauta.

A problemática da pesquisa surgiu ao perceber através da minha prática de sala de aula as potencialidades do funk para o desenvolvimento dos conteúdos em sala de aula, também observei um certo distanciamento dos professores com este ritmo musical, muitas vezes atrelado ao fato de perceberem o funk como um gênero musical inadequado para os espaços escolares. Sobre o funk Lopes e Facina (2012), afirmam que:

Primeiro, o funk evidencia como a juventude negra e favelada reinventa-se criativamente com os escassos recursos disponíveis, subvertendo, muitas vezes, as representações que insistem em situá-la como baixa e perigosa. Além disso, a crítica ao funk escancara a maneira pela qual a sociedade brasileira renova seu racismo e preconceito de classe camuflados pela retórica ocidental do “bom gosto estético”. (p. 195)

De encontro a isso, Santos e Leite (2017), ao abordar o gênero musical rap, explicita que o mesmo foi considerado como música de baixa qualidade, por ser marcada com “palavrões” gírias, expressões da periferia, marcas que também podemos observar no funk. Colaborando com este pensamento Dayrell (2002) aborda que produzir rap e funk não exige pré-requisitos, facilitando a aderência de jovens ao ritmo, além disso, para ele o clima de alegria facilita essa aproximação. Ainda discute que para os jovens da periferia de Belo Horizonte – MG, é através do funk e do rap, que ocupam os diversos espaços da cidade, buscando viver a juventude plenamente, para o autor: “Este parece ser um aspecto central: pelos estilos rap e funk, os jovens

UNIVERSIDADE  
**LaSalle**

www.unilasalle.edu.br

Universidade La Salle - Av. Victor Barreto, 2288, Canoas/RS, 92010-000 - 55 51 3476-8500



**SEFIC2017  
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O  
RESPEITO À DIVERSIDADE**

**16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017**

ISSN 1983-6783

juventude.” (DAYRELL, 2002, p. 134).

Encontradas na totalidade dos cartões de memória das alunas investigadas, as músicas relacionadas ao funk ostentação são apreciadas por grande parte dos jovens (e até mesmo das crianças) nos tempos atuais. A forte presença do funk em nossa sociedade, em especial do estilo ostentação, pode ser percebida nas trilhas sonoras de novelas de grande audiência, na presença de artistas do gênero, a exemplo da Mc Pocahontas, em programas de televisão e também pelos numerosos shows que os artistas realizam mensalmente. (VARGAS, 2016, p. 12).

Percebemos através dessa citação que o funk vem ocupando espaços fora da periferia, atingindo diversos públicos, chegando ao “asfalto” descendo o morro, nos centros das cidades, já encontramos festas nas regiões centrais com a temática funk, além do que já foi citado pela autora, as aparições em programas de televisão, em trilhas de novelas e filmes entre outros meios de comunicação.

Para responder este problema e atingir o objetivo proposto será realizada uma pesquisa de campo, qualitativa, usando como procedimento o estudo de caso, sendo que os dados serão coletados através de grupos de discussões com os estudantes da Educação de Jovens e Adultos, que tenha envolvimento com o funk, e entrevista com os educadores que atendem o grupo de jovens participantes da pesquisa.

Para enfrentar o desafio disso que temos chamado de "juvenilização da EJA", deveríamos caminhar para a produção de espaços escolares culturalmente significativos para uma multiplicidade de sujeitos jovens – e não apenas alunos – histórica e territorialmente situados e impossíveis de conhecer a partir de definições gerais e abstratas. Neste sentido, seria preciso abandonar toda a pretensão de elaboração de conteúdos únicos e arquiteturas curriculares rigidamente estabelecidas para os "jovens da EJA". (CARRANO, 2007, p. 2)

Neste sentido o desafio do trabalho ao ensinar os jovens na EJA é pensar em criar espaços e práticas que respeitem as suas multiplicidades. Ao pesquisar a Educação de Jovens e Adultos – EJA, é importante conhecer a história e os movimentos da EJA no Brasil, neste sentido encontraremos no presente trabalho uma reflexão desta modalidade de ensino, desde a década de 40 aos dias atuais.

## **2. Marco Teórico**

Para começar a falar sobre o contexto da Educação de Jovens e Adultos, primeiramente, iremos analisar alguns dos diferentes momentos históricos desta modalidade de ensino no Brasil a partir da década de 1940. Conforme apresenta Soek (2009), somente em 1947, após a Era Vargas, surge a primeira campanha de alfabetização de Jovens e Adultos (Campanha de Educação de Adultos - CEA), inspirada nos estudos de Laubach. É importante salientar que já existia uma movimentação legal desde o surgimento da primeira constituição brasileira, durante a era imperial, segundo Haddad e Di Pierro (2000), influenciada pelas teorias iluministas, que garantia uma educação primária para todos, inclusive os adultos.

Desde as primeiras movimentações para a implementação do Plano Nacional de Educação, se discutia, que deveria existir um ensino público integral e de frequência obrigatória, portanto este ensino se estendia a Educação de Jovens e Adultos. Segundo Haddad e Di Pierro (2000, p. 111): “(...) a educação de adultos passava a ser condição necessária para que o Brasil se realizasse como nação desenvolvida.” Infelizmente esta campanha de Educação de Adultos foi perdendo força, alcançando bons



**SEFIC2017  
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O  
RESPEITO À DIVERSIDADE**

**16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017**

ISSN 1983-6783

resultados na primeira década de execução. Para Soek:

A avaliação da Campanha de Educação de Adultos mostrou-se vitoriosa na sua primeira década, pois além da ampliação das classes e escolas, possibilitou a elevação da taxa de alfabetização. No entanto, a execução da campanha foi sendo cada vez mais descentralizada e, com a mudança de governo, foram se extinguindo as verbas, ficando as ações da campanha cada vez mais dependentes de doações e dos trabalhos voluntários da base popular. (2009, p. 11)

Em se tratando de campanhas, ainda tiveram mais duas campanhas de alfabetização, em 1952, a Campanha Nacional de Educação Rural e outra em 1958, a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo. Todas as duas com pouca duração.

A democracia e o crescimento dos diversos movimentos sociais no final dos anos 50 e início dos anos 60, deu espaço para o nascimento de uma nova concepção de educação de jovens e adultos, apresentada por Paulo Freire, com a criação da Comissão de Cultura Popular e do Plano Nacional de Alfabetização, durante o governo do Presidente João Goulart (HADDAD E DI PIERRO).

Esta concepção, baseada em Freire, partia do princípio que os alfabetizandos deveriam saber mais do que a decodificação das letras e que a alfabetização deveria dar suporte para que o aluno compreenda o seu papel na sociedade, como cidadão, sua proposta incluía uma pesquisa, que apresentasse ao alfabetizador a realidade do grupo que se iria atuar, fazendo um levantamento do vocabulário do grupo, o alfabetizador selecionaria palavras, que contivessem diversos padrões silábicos, que seriam as “palavras geradoras”, as quais iriam estudar a sua escrita e leitura, bem como a realidade dos educandos, Soek (2009). “Neste cenário uma nova concepção sobre EJA é trazida por Paulo Freire, que defendia, sobretudo, que a solução dos problemas do analfabetismo no país estariam atreladas a um maior desenvolvimento e justiça social”. (CHRISTOFOLI, 2009, p. 95).

Durante a Ditadura Militar no Brasil, foi desenvolvido no nosso país o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), um sistema de alfabetização que considerado um retrocesso aos avanços conquistados pela Educação Popular e por Paulo Freire para a Educação de Jovens e Adultos, pois buscava alfabetizar numa perspectiva mecanicista. Siqueira (2007) afirma que:

Após o golpe de 1964 que implementou a ditadura militar, as iniciativas de EJA deviam contemplar a filosofia que fosse coerente com um governo de exceção. Esse tipo de governo, que faz uso da força como sua última palavra, opõe-se radicalmente aos movimentos sociais que lutam por direitos sociais, entre os quais o da educação. O MOBRAL e o ensino supletivo são tipos de ensino oferecidos aos jovens e adultos analfabetos ou que pararam de estudar por força da sua realidade material adversa. Essa era a estrutura adequada à nova composição política do país. A educação de jovens e adultos era tratada como suplência e o analfabetismo como uma chaga. (SIQUEIRA, 2007, p. 90)

Ainda neste sentido Martins (2013) questiona que o fato de que não existiam critérios para o recrutamento de pessoas para atuarem no MOBRAL, sugere um descompromisso com a educação de adultos. Como afirma Di Pierro (2008, p.398):



**SEFIC2017  
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O  
RESPEITO À DIVERSIDADE**

**16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017**

ISSN 1983-6783

Após o golpe militar de 1964, a efervescência político-social resultante dessas experiências foi reprimida pelo regime ditatorial, mas as lições aprendidas não foram esquecidas pelas pessoas, organizações sociais e agremiações políticas que delas participaram.

Após a Ditadura Militar, durante a redemocratização, surge um período que favorece a EJA. Na década de 1990, a nova LDB, incorpora uma mudança conceitual, o que significa uma ampliação do entendimento desta modalidade de ensino. Soares (2002), ao comentar sobre a troca conceitual feita pela LDBEN 9.394/96, argumenta que a LDB pretende conciliar os interesses governistas, privatistas e publicistas. Mas reconhece que foi um movimento importante para a história da educação nacional, pois a troca da perspectiva de “ensino”, considerando que restringe-se à instrução, para a visão amplificada de “educação”, já que compreende os diversos processos de formação ao longo da vida.

Sobre as práticas educativas nos dias atuais, Soares (2002) apresenta que encontramos práticas supletivas na sala de aula, de encontro a isso Siqueira (2007) ao comentar sobre a LDBEN, afirma que por ainda apresentar a possibilidade da realização dos exames supletivos, que a concepção de EJA como suplência, presente na ditadura militar ainda permanece.

Com a redemocratização, surgiram alguns programas de alfabetização, como o ALFASOL, nos anos 90, que atuava em parceria com universidades, empresas, municípios e o Ministério de Educação. Atualmente existe o programa Brasil Alfabetizado, que tem como objetivo:

Promover a superação do analfabetismo entre jovens com 15 anos ou mais, adultos e idosos e contribuir para a universalização do ensino fundamental no Brasil. Sua concepção reconhece a educação como direito humano e a oferta pública da alfabetização como porta de entrada para a educação e a escolarização das pessoas ao longo de toda a vida. (MEC, <http://portal.mec.gov.br/programa-brasil-alfabetizado> acesso em 23/07/2017)

Segundo informações retiradas do site do MEC, o programa atendeu cerca de 14,7 milhões de jovens e adultos entre 2003 e 2012. No ano de 2012, cerca de 1 milhão e 200 mil alfabetizando foram atendidos. Podemos perceber que a Educação de Jovens e Adultos – EJA é marcada por campanhas de alfabetização, campanhas que iniciam e terminam de acordo com os objetivos de cada governo.

### **3. Metodologia**

A presente pesquisa segue os modelos de uma pesquisa inserida no paradigma emergente, apresentado por Santos (2008), sendo de natureza qualitativa, utilizando como procedimento o estudo de caso. Para Severino (2007) a pesquisa qualitativa seria uma oposição ao método científico racional, pelo fato dos pesquisadores perceberem que ele não daria conta do mundo humano. De acordo com NAJMONOVICH (2003, p. 34 - 35).

Renunciar a idéia de um método único que nos conduza sempre a verdade, e que a garanta, não implica de nenhuma maneira que estamos dispostos a desistir da utilização de instrumentos ou dispositivos, técnicas e procedimentos. Só implica que não anteporemos o métodos à experiência, que não cremos que haja um só caminho ou um só dispositivo adequado para pensar, explorar, inventar... conhecer. Só renunciamos ao fetiche

UNIVERSIDADE  
**LaSalle**

[www.unilasalle.edu.br](http://www.unilasalle.edu.br)

Universidade La Salle - Av. Victor Barreto, 2288, Canoas/RS, 92010-000 - 55 51 3476-8500



**SEFIC2017  
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O  
RESPEITO À DIVERSIDADE**

**16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017**

ISSN 1983-6783

do método e podemos ainda desdobrar uma infinidade de dispositivos, construir caminhos, trilhas e estradas, ou escolher ir através do campo ou entre o mato, ou preferir o bosque a estrada. Renunciar ao método não implica cair no abismo sem sentido, mas abrir-se à multiplicidade de significados.

Sendo assim é importante salientar que a pesquisa que será desenvolvida não deixará de ter rigor, qualidade e métodos, como salienta André (2001) a importância da existência de critérios para o desenvolvimento de pesquisas qualificadas, critérios esses que deveriam ser comum e específico, sendo uma construção, deveria ser coletiva e um processo de longa duração.

As pesquisas sociais englobam diversos fatores e público, que seria impossível abordar as temáticas apresentadas e o público em sua totalidade, Gil (2008). Neste sentido ao elaborar este projeto de pesquisa destacamos como sujeitos da pesquisa educandos e professores da Educação de Jovens e Adultos de uma escola da Rede Municipal de Canoas, localizada na região nordeste da cidade, no bairro Guajuviras.

Para Gil (2008), a entrevista é uma forma de interação social, ao discutir a importância da entrevista para as pesquisas sociais Duarte (2004) retoma a ideia de André (2001) da necessidade de critérios e rigor na utilização da entrevista como coleta de dados. Neste sentido a autora apresenta que para uma boa entrevista é necessário:

a) que o pesquisador tenha muito bem definidos os objetivos de sua pesquisa (e introjetados — não é suficiente que eles estejam bem definidos apenas “no papel”); b) que ele conheça, com alguma profundidade, o contexto em que pretende realizar sua investigação (a experiência pessoal, conversas com pessoas que participam daquele universo — egos focais/informantes privilegiados —, leitura de estudos precedentes e uma cuidadosa revisão bibliográfica são requisitos fundamentais para a entrada do pesquisador no campo); c) a introjeção, pelo entrevistador, do roteiro da entrevista (fazer uma entrevista “não-válida” com o roteiro é fundamental para evitar “engasgos” no momento da realização das entrevistas válidas); d) segurança e auto-confiança; e) algum nível de informalidade, sem jamais perder de vista os objetivos que levaram a buscar aquele sujeito específico como fonte de material empírico para sua investigação. (DUARTE, 2004, p. 216)

Neste sentido optamos por realizar a entrevista semi-estruturada com os professores que atuam com os estudantes. Pensando também em uma provocação que autora apresenta, de que fazer pesquisa social, não se limita em aplicar entrevistas, que existem outras formas de coletar dados, além de refletirmos sobre a possibilidade de os educandos ficarem tímidos e com dificuldades em expor suas opiniões na entrevista optamos por aplicar com eles grupos de discussões que abordem a temática funk e educação.

Com os sujeitos da pesquisa serão aplicados dois instrumentos de coleta de dados, com os educandos da EJA iremos desenvolver grupos de discussões e com os professores iremos aplicar uma entrevista semi-estruturada.

#### **4. Considerações Finais**

A presente pesquisa ainda está em processo de elaboração do



[www.unilasalle.edu.br](http://www.unilasalle.edu.br)

Universidade La Salle - Av. Victor Barreto, 2288, Canoas/RS, 92010-000 - 55 51 3476-8500



**SEFIC2017  
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O  
RESPEITO À DIVERSIDADE**

**16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017**

ISSN 1983-6783

projeto de pesquisa, o texto aqui discutido faz uma retomada histórica da EJA no Brasil, até para poder compreender a sua trajetória histórica e sua construção da sua cultura escolar.

Conforme observamos a Educação de Jovens e Adultos, no nosso país começou a tomar corpo no século XX, até a legislação que assegurava uma educação para todos, na primeira constituição federal, elaborada durante o período imperial, mas na prática isto não ocorria. Muitos avanços foram alcançados até a ditadura militar, durante a ela, conseguiu-se ampliar a participação, por intermédio do exército (HADDAD E DI PIERRO).

Apesar do longo percurso já percorrido, chegamos ao século XXI e continuo acreditando que muito ainda precisa ser feito pelos milhões de brasileiros e brasileiras que, por se encontrarem na situação de não alfabetizados, ainda continuam sendo vítimas de preconceito e discriminação. (MARTINS, 2013, p. 22)

Segundo os dados do IBGE do ano de 2015, a taxa de analfabetismo no Brasil das pessoas de 15 anos ou mais chega a aproximadamente 8% da população. Durante a redemocratização foi dado continuidade aos princípios da educação popular e a partir da LDB de 1996, a Educação de Jovens e Adultos passa a ser considerada uma modalidade de ensino. Portanto ao analisarmos a história da educação de jovens e adultos, percebemos em seu percurso avanços e retrocessos, marcados por ideologias políticas, pois pelo que podemos observar são campanhas e programas de governos, sendo assim, cada governo expõe a sua ideologia ao elaborar o programa/campanha.

## Referências

ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: buscando rigor e qualidade.** Cadernos de Pesquisa, n. 113, p. 51 – 64, julho/2001.

CARRANO, Paulo C. **Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance".** REVEJ@: Revista de Educação de Jovens e Adultos, Belo Horizonte, v. 1, n. 0, 2007.

CHRISTOFOLI, Maria. C. P. **Inclusão na Educação de Jovens e Adultos.** In: MEDEIROS, Isabel L.; MORAES Salete C.; SOUZA Magali D. (Org.). **Inclusão Escolar: Teorias e Práticas.** 1 ed. Porto Alegre - RS: Redes Editora, 2008.

DAYRELL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude.** Educação e Pesquisa, São Paulo, V. 28, n. 1, p. 117-136, jan-jun. 2002.

DI PIERRO, Maria C. **Luta social e reconhecimento jurídico do Direito Humano dos jovens e adultos à educação.** Educação, Santa Maria, v. 33, n. 3, p. 395-410, set./dez. 2008.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas.** Revista Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria.C. **Escolarização de jovens e adultos.** Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 14, p. 108-130, maio/ago.2000.

LOPES, Adriana C.; FACINA, Adriana. **Cidade do funk: expressões da diáspora negra nas favelas carioca.** Revista do Arquivo Geral do Rio de Janeiro, V. 6, p. 193 - 206, 2012.

MARTINS, Ivone R. P. **Processo histórico de constituição das Políticas Públicas para EJA: algumas iniciativas de mobilização no plano nacional e Internacional.** In: BEHREND



**SEFIC2017**  
**UNILASALLE**

**A PESQUISA E O**  
**RESPEITO À DIVERSIDADE**

**16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017**

ISSN 1983-6783

Danielle M.; BARRETO, Sabrina N.; COUGO, Alexandre C.; et al. Especificidades da educação de jovens e adultos: pensando fundamentos, história, narrativas e práticas pedagógicas. Rio Grande : Universidade Federal do Rio Grande, 2013,

NAJMANOVICH, Denise. **O feitiço do método**. In: GARCIA, Regina L. (Org.). Método métodos e contramétodo. São Paulo: Cortez, 2003

PROGRAMA BRASIL AFABETIZADO. MEC. Disponível em: <  
<http://portal.mec.gov.br/programa-brasil-alfabetizado> >. Acesso em 23/07/2017.

SANTOS, Mayara; LEITE, Tiago P. **O rap é uma coisa que conecta, tá ligado?!**: ressignificando contextos de jovens em cumprimento de medida sócioeducativa. Revista Labor, Fortaleza, v. 1, n. 17, p. 42 – 61, 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SIQUEIRA, J. T. F. **A Educação de Jovens e Adultos a as Políticas Públicas**: algumas considerações. In: GUSTSACK, Felipe.; VIEGAS, Moacir F.; BARCELOS, Valdo. (Org.). Educação de Jovens e adultos : saberes e fazeres. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007, p. 84-114.

SOARES, Leôncio. **Educação de Jovens e Adultos**: Diretrizes Curriculares Nacionais. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOEK, Ana M. **Mediação pedagógica na alfabetização de jovens e adultos**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

VARGAS, Juliana R. **Elas querem ser MC Pocahontas!**: o funk ostentação e a juventude feminina contemporânea. Revista Diversidade e Educação, v.4, n.7, p. 10 – 17, jan./jun. 2016.